

## **O CUIDADO EM SAÚDE MENTAL DAS MULHERES NEGRAS NO BRASIL: uma revisão de literatura**

### **MENTAL HEALTHCARE FOR BLACK WOMEN IN BRAZIL: a literature review**

Cassiane Nascimento <sup>1</sup>

Gabriel Avelar Soares <sup>2</sup>

**Resumo:** Embora nos últimos anos a busca por atendimento psicológico tenha aumentado, uma parcela considerável da população no Brasil, geralmente formada por pessoas negras, ainda sofrem para conseguir um atendimento minimamente adequado no que diz respeito à saúde mental. Ademais, o número de profissionais da área que buscam aprofundar o conhecimento no que tange as sequelas do racismo no indivíduo não tem sido suficiente para suprir as demandas. Dito isto, este artigo buscou investigar, através de revisão de literatura, as experiências de mulheres negras no Brasil quanto a busca pelo cuidado em saúde mental e como as mesmas percebem o processo do atendimento psicológico ao relatar suas dores relacionadas ao racismo. Os resultados apontaram que as produções acadêmicas voltadas para a saúde mental da mulher negra foram feitas em estados da região sudeste do Brasil. Conclui-se que ainda são poucas as produções voltadas para o cuidado em saúde mental da mulher negra brasileira e que há uma necessidade urgente de inserir conteúdos voltados para as questões étnico-raciais nas grades curriculares do curso de psicologia.

**Palavras-chave:** saúde mental da mulher negra, psicologia e a mulher negra, saúde mental e racismo

**Abstract:** Although in recent years the search for psychological care has increased, a considerable portion of the population in Brazil, usually made up of black people, still suffers to achieve minimally adequate care with regard to mental health. Furthermore, the number of professionals in the field who seek to deepen their knowledge regarding the consequences of racism in the individual has not been sufficient to meet the demands. That said, this article sought to investigate, through a literature review, the experiences of black women in Brazil regarding the search for mental health care and how they perceive the process of psychological care when reporting their pains related to racism. The results showed that academic productions focused on the mental health of black women were made in states in the southeastern region of Brazil. It is concluded that there are still few productions focused on the mental health care of Brazilian black women and that there is an urgent need to insert content focused on ethnic-racial issues in the curriculum of the psychology course.

**Key words:** mental health of black women, psychology and black women, mental health and racism.

---

<sup>1</sup> Email: [cassianenascimentocontato@gmail.com](mailto:cassianenascimentocontato@gmail.com).

<sup>2</sup> E-mail: [gabriel.soares556@gmail.com](mailto:gabriel.soares556@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma investigação de achados que relatam as experiências de mulheres negras no Brasil quanto ao processo de cuidado da saúde mental. A revisão de literatura expõe a ausência de um aprofundamento do profissional da saúde mental quanto às questões específicas vivenciadas por mulheres negras que são fatores que geram o adoecimento. A saúde mental é produto de múltiplas e complexas relações entre fatores biológicos, psicológicos e sociais, dependendo de um equilíbrio dinâmico nas interações do indivíduo com os outros, levando em consideração suas características orgânicas e os seus antecedentes pessoais e familiares (Alves e Rodrigues, 2010). Diante disso, estressores ligados a discriminação racial, podem afetar a saúde mental por meio de múltiplas vias. (Wei et al., 2010)

O preconceito racial é uma temática que afeta milhões de brasileiros diariamente, independente da classe social do indivíduo, que gerou diversos movimentos no passado como a Marcha Nacional Zumbi dos Palmares em 1995, lutando por um sistema de saúde igualitário para ambos brancos e negros, e atualmente. No Brasil, é complexo e polêmico discutir sobre “racismo” e discriminação “racial”, por se ter um alto índice de miscigenação por um lado e, por outro, pela valorização da chamada “democracia racial”. No entanto, os brancos vivem em melhores condições de vida que índios e negros. (Clemente e Azevedo, 2020)

No que diz respeito à produção científica brasileira quanto à temática do racismo e da saúde mental, é importante salientar que não é significativa considerando que a população negra brasileira é de aproximadamente 54%, segundo uma pesquisa realizada pelo IBGE em 2010, salvo algumas exceções, o que gera dificuldade à adaptação do nosso sistema de saúde para o atendimento das demandas desses indivíduos.

De acordo com dados publicados pelo Ministério de Desenvolvimento Social através da cartilha “Promoção de igualdade racial no sistema único de assistência social”, as mulheres negras são a parcela populacional que mais enfrentam dificuldades de inserção no mercado de trabalho formal e, entre os grupos homem branco/preto e mulher branca/preta, são o grupo com os menores salários. A cartilha também nos mostra dados referentes ao PBF (Programa Bolsa Família) que, das 14 milhões de famílias beneficiadas, mais de 90% dos responsáveis dessas famílias são mulheres e,

entre elas, 75% são mulheres negras, sendo elas as que não recebem, na maioria das vezes, um atendimento cidadão, tendo seus direitos negados ou dificultados nos equipamentos da Assistência Social em razão de preconceito racial, lesbofobia, transfobia, etc. (Brasil, 2018)

Com esse trabalho, objetivamos a exibição de dados sobre a saúde mental da mulher negra utilizando-se do cenário científico e social atual.

## MÉTODO

Trata-se de uma revisão de literatura de uma pesquisa bibliográfica baseada em artigos que abordam as temáticas relacionadas ao cuidado da saúde mental da população negra, especificamente das mulheres.

Uma revisão de literatura significa localizar e resumir os estudos sobre um tópico. Com frequência esses são estudos de pesquisa (desde que você esteja conduzindo um estudo de pesquisa), mas podem também incluir artigos conceituais ou reflexões que proporcionem estruturas para se pensar sobre os tópicos (Creswell, 2007).

Inicialmente, os artigos foram analisados a partir de suas características gerais, como país e ano em que foram publicados, informações sobre o estudo das pautas sobre o racismo durante a formação da/o psicóloga/o e a observação de relatos de mulheres negras que recebem cuidado quanto a sua saúde mental.

O levantamento integrou trabalhos publicados nos últimos cinco anos, entre 2015 e 2020, utilizando as ferramentas de refinamento de pesquisa nos portais mencionados. Por fim foram selecionados 21 artigos e mantivemos 18 dentre estes trabalhos para esta revisão. Para a análise dos achados, foi utilizado o critério de seleção dos artigos que investigaram fatores relacionados aos estudos de gênero, saúde mental e racismo. A revisão de literatura foi construída a partir do levantamento de trabalhos acadêmicos, sendo eles artigos e dissertação, ordenados no Scielo e no Portal de Periódicos do CAPES. Os descritores utilizados foram: *psicologia e a mulher negra*, *saúde mental e racismo* e *saúde mental da mulher negra*. O levantamento integrou trabalhos publicados nos últimos cinco anos, entre 2015 e 2020, utilizando as ferramentas de refinamento de pesquisa nos portais mencionados.

## RESULTADOS

A tabela a seguir expõe o resultado da busca por artigos que expuseram a relação entre a psicologia e as experiências de mulheres negras frente ao cuidado em saúde mental. Inicialmente, os achados encontrados resultaram em 21, porém após ser feita uma seleção dos mesmos, considerando o tema a ser explorado, apenas 18 apresentaram o conteúdo relacionado à temática a ser investigada.

Título	Autores	Ano de publicação	Local do estudo
Racismo institucional e saúde da população negra.	Jurema Werneck	2016	Rio de Janeiro - RJ
Descolonizando a psicologia: notas de uma Psicologia Preta	Lucas Motta Veiga	2019	Niterói - RJ
As expressões das desigualdades de gênero, raça e classe sobre a saúde mental de estudantes negras do curso de Serviço Social da UFBA	Vanessa de Santana Santos	2020	Salvador-B A
Abordagem psicossocial e saúde de mulheres negras: vulnerabilidades, direitos e resiliência	Vera S.F. Paiva e Clélia R.S. Prestes	2016	São Paulo-SP
Roda terapêutica das pretas: uma proposta de escuta clínico-ético-política para mulheres negras periféricas	Ana Carolina Barros Silva	2020	Montes Claros-MG

Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras	Marizete Gouveia e Valeska Zanello	2019	Brasília-DF
O efeito das micro agressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras	Tafnes Varela Martins, Tiago Jessé Souza de Lima e Walberto Silva Santos	2018	Brasília-DF
Psicologia, racismo e saúde mental: formas de intervenção no trabalho do psicólogo	Emanuele Oliveira Ribeiro	2017	Santo Antônio de Jesus-BA
Indicadores de saúde mental e do clima familiar de idosas negras matriarcas	Dóris Firmino Rabelo, Juliana Fernandes Eloi e Vanessa Santos Barbosa	2020	Passo Fundo-RS
Gênero e saúde mental: um olhar sobre as mulheres negras professoras universitárias	Flávia da Silva Clemente, Leandro Ribeiro Azevedo e Márcia da Silva Clemente	2020	Salvador-B A

Desigualdade, relações raciais e a formação de psicólogos (as)	Alessandro de Oliveira dos Santos e Lia Vainer Schucman	2015	Rio de Janeiro-RJ
Manejo clínico das repercussões do racismo entre mulheres que se “tornaram negras”	Jeane Saskya Campos Tavares e Sayuri Miranda de Andrade Kuratani	2019	Salvador-BA
Raça/cor da pele e transtornos mentais no Brasil: uma revisão sistemática	Jenny Rose Smolen Edna Maria de Araújo	2016	Feira de Santana-BA
Relações de gênero e étnico-raciais nos currículos de psicologia: aproximação e desafios	Andressa Carvalho Carliane Souza João Paulo Macedo	2020	Parnaíba-PI
Sistema prisional e saúde mental: atuação da terapia ocupacional com mulheres autodeclaradas negras e pardas vítimas do racismo	Amanda dos Santos Pereira Maria Adriely Cunha Lima Roberto dos Santos Lacerda Lavínia Teixeira-Machado Harley Ferraro Oliveira	2021	Lagarto e Aracaju-SE

	Raphaela Schiassi Hernandes		
As relações entre racismo e sexismo e o direito à saúde mental da mulher negra brasileira	Imaíra Pinheiro de Almeida da Silva Cassius Guimarães Chai	2018	São Luíz-MA
Do mito da democracia racial à crítica do racismo nas práticas psicológicas: a importância de uma psicologia antirracista	Julia Trindade de Souza	2018	Volta Redonda-R J
Saúde mental e racismo contra negros: produção bibliográfica dos últimos quinze anos	Marizete Gouveia Damasceno Valeska M. Loyola Zanello	2018	Brazília-DF

**Tabela 1.** Síntese dos artigos encontrados no levantamento bibliográfico.

Werneck (2016), em um artigo de revisão de literatura especializada sobre o racismo institucional, analisando um total de 18 artigos, explicitou os impactos causados por estigmas raciais com informações sobre a vulnerabilidade dessa parcela populacional que morrem por conta de doenças causadas por fatores genéticos que, se detectadas de antemão, poderiam ser devidamente tratadas.

A autora estruturou a análise de conteúdo qualitativa dos artigos em seis blocos: 1. racismo e saúde da população negra; 2. modos, momentos e oportunidades; 3. ações afirmativas e outras medidas; 4. acesso e utilização; 5. processos institucionais internos e 6. resultados das ações e políticas públicas. Werneck considerou fundamental que, no lado da sociedade civil, se constituam múltiplos observatórios, articulados entre si, de modo a garantir a replicabilidade e a sustentabilidade das ações ao longo do tempo, permitindo, então, que aprofundem seu alcance de mudança do Estado e suas relações.

Veiga (2019), em um artigo sobre a descolonização da psicologia no Brasil, analisando um total de 18 artigos, expôs a fragilidade da formação em psicologia no Brasil e os impactos do racismo nas subjetividades negras, apontando como as mesmas são ignoradas na grande maioria das graduações em psicologia, resgatando trabalhos de intelectuais negros numa articulação com a clínica.

A análise do conteúdo do artigo fora estruturada pelo autor em três blocos: 1. a saúde mental de vidas negras importam; 2. como curar a negritude dos efeitos do racismo? E 3. a colonização e seus desdobramentos. Veiga concluiu que a subjetividade negra deve ser cuidada com singularidade e como é importante o encontro entre profissionais negros e pacientes negros como estratégia de aquilombamento.

Santos (2020), em um artigo de dissertação, ao fazer análise de 21 artigos, inferiu que o problema racial é uma questão que impacta na saúde mental de muitos modos e a leitura estereotipada sustentada pelo racismo pode repercutir em todos os aspectos da vida da pessoa, seja na esfera acadêmica ou pessoal.

A autora estruturou a observação do conteúdo do artigo em um único bloco: 1. narrativas marcadas pelas esferas de opressão: As expressões das desigualdades de gênero, raça e classe. Santos concluiu que associar práticas e reflexões à pauta da saúde mental, significa dar visibilidade a uma realidade que articula não apenas sofrimento, mas a construção de saídas por meio do ativismo e da luta por uma sociedade mais justa com suas pluralidades e comprometida com a dissolução dos problemas sociais, raciais/étnicos e de classe, criando condições de um trabalho em rede que convoque coletivos que possam estabelecer a acolhida deste grupo de mulheres discriminadas por raça e gênero.

Prestes e Paiva (2016), em um artigo de revisão crítica, investigando 40 artigos, pontuou que no Brasil diversos estudos demonstram que a população negra está frequentemente exposta a contextos de maior vulnerabilidade ao adoecimento e que o reconhecimento do racismo e do sexismo como determinantes das condições de saúde, assim como a consideração da consequente produção de desigualdades raciais e de gênero, exigem inovação e seu enfrentamento no campo da promoção da saúde e demandam alargamento de perspectivas, reformulações de teorias, técnicas e práticas.

As autoras estruturam a compreensão de conteúdo dos artigos em quatro blocos: 1. Da concepção sociopsicológica de risco à abordagem psicossocial de



vulnerabilidades e direitos; 2. Relações raciais e a perspectiva psicossocial no Brasil; 3. Abordagem psicossocial de resiliência em mulheres negras e 4. rever perspectivas é ampliar horizontes. Prestes e Paiva inferiram que é restrita a análise que se concentra apenas nos efeitos danosos e nos elementos pessoais das experiências de discriminação racista/sexista e privação de direitos. Ademais consideram necessário expandir a visão do processo saúde-doença para que se incorpore a contribuição de estudos e ações que pensam o impacto das relações raciais, de gênero, entre outros recortes.

Em um artigo, Silva (2020) ao averiguar três livros e uma tese de doutorado concluiu que há um a importância de profissionais negras da psicologia ocuparem cada vez mais os mais variados espaços, da mesma maneira que também não desejam que essas sejam experiências traumáticas e de sofrimento (como são na maior parte dos casos, infelizmente, ainda).

A autora aposta em uma transformação social que inclua as mudanças estruturais e radicais que instituições como a universidade precisam e também inferiu que uma pessoa adoecida mentalmente tem dificuldades de se enxergar como alguém potente, como autor da própria história, como ator social e político, como alguém capaz de mobilizar pessoas em prol de uma causa, como alguém capaz de lutar e resistir, por si mesmo e pelos seus.

Gouveia e Zanello (2019), ao analisar 30 artigos, apresentaram as questões relacionadas psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro e a problemática de como a população negra é tratada no sistema de saúde mental, especificamente na clínica psicológica de atendimento a clientes negros/as. Também fora verificado a percepção de mulheres negras em suas experiências de atendimento psicoterapêutico por profissionais brancos.

A análise do conteúdo do artigo foi categorizada em 4 temáticas: 1. razão para buscar psicoterapia; 2. processo terapêutico; 3. fatores terapêuticos coadjuvantes e 4. formação do psicoterapeuta para atender pessoas negras. Gouveia e Zanello concluíram que independentemente da cor do(a) psicoterapeuta, nenhuma das profissionais iniciou o assunto de relações raciais, nem utilizou situações para iniciar o assunto, sendo este sempre iniciado pela cliente, que a formação da/o psicóloga/o no Brasil não parece trazer os elementos importantes para o atendimento e entendimento de uma população

específica. Ademais afirmaram ser necessário materializar a dor, pois a mesma tem cor de pele, classe social, idade e sexo.

Em um artigo, Martins, Lima e Santos (2018) ao investigar 59 artigos, relataram as micro agressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras e foram avaliadas as influências das variáveis identidade e autoestima na relação entre a frequência das micro agressões raciais de gênero e saúde mental.

Através da observação do conteúdo, percebeu-se que Martins, Lima e Santos concluíram que os estudos futuros sobre o racismo de gênero devem contemplar amostras com uma maior diversidade sociodemográfica, o que poderá proporcionar maior variabilidade nas possíveis experiências raciais de gênero. Poderão também incluir outras variáveis mediadoras/moderadoras da relação entre micro agressões raciais de gênero e saúde mental, a exemplo do suporte social e o envolvimento com movimentos sociais. Ademais os artigos que foram observados enfatizam a importância de incorporar processos psicológicos gerais na compreensão dos vínculos entre discriminação e sofrimento psíquico entre pessoas de grupos socialmente marginalizados.

Ribeiro (2017), em um artigo sobre a psicologia, racismo e saúde mental, ao analisar um total de 10 artigos, relatou a experiência vivida em uma discussão sobre racismo e saúde mental realizada numa instituição de ensino superior e descreveu as atribuições do profissional de psicologia na área educacional da assistência estudantil.

A observação do conteúdo fora estruturada pela autora em 3 blocos: 1. Estudo de caso 1; 2. estudo de caso 2 e 3. intervenções psicológicas. Ribeiro concluiu que se faz urgente que psicólogos/as assumam suas responsabilidades em buscar formação para agir a partir de considerações étnico-raciais nos contextos institucionais. Além disto, a autora inferiu que igualmente a sociedade através de seus gestores considerem fundamental o investimento político de ações que atendam a saúde mental da população brasileira, pois nessa história, o adoecimento mental pela violência do racismo afeta a todos: negros, não negros e brancos.

Em um artigo, Barbosa, Rabelo e Eloi (2020) ao analisar 22 artigos, explanaram sobre os indicadores de saúde mental e do clima familiar de idosas negras matriarcas, buscando compreender sobre o estado de saúde mental de matriarcas negras se em comparação às outras configurações familiares.

As autoras observaram que a matriarcalidade anteriormente citada estava associada à maior ansiedade, em especial no contexto de baixo apoio familiar e que o clima familiar do grupo das idosas matriarcas não diferiu significativamente do grupo de idosos (as) em outras configurações familiares.

Clemente, Azevedo e Clemente (2020), em um artigo sobre gênero e saúde mental, ao investigar um total de 53 achados, expuseram fatores relacionados ao gênero e saúde mental, a partir do olhar sobre professoras negras universitárias. Ademais para as mesmas, a visibilidade sobre a desigualdade racial que atinge mulheres negras no espaço universitário, se torna o objetivo do estudo, por entender que elas são o alvo preferencial de práticas racistas.

O conteúdo deste artigo fora estruturado em 3 temáticas: 1. Gênero e raça; 2. Trabalho docente e saúde mental: primeiras aproximações e 3. Mulheres negras e trabalho docente. As autoras destacaram que uma vez que ser professora de nível superior contraria as expectativas socialmente atribuídas a mulheres negras, essas trabalhadoras ainda necessitam constantemente se legitimar no espaço acadêmico predominantemente branco. Além disso, a pouca representatividade feminina negra nas carreiras docentes, pode dificultar organizações coletivas para o enfrentamento do problema e desestimular estudantes que não se veem representados no espaço.

Em um artigo, Santos e Schucman (2015) ao averiguar 29 artigos, investigaram a concepção de estudantes de Psicologia de uma universidade pública da região metropolitana de São Paulo sobre a categoria raça na compreensão da desigualdade e sobre a relevância das relações raciais na formação de psicólogos (as) e fizeram uma breve exposição sobre o histórico da desigualdade no Brasil, exibindo o número de pessoas negras comparando com o de pessoas brancas que tiveram o ensino médio/superior completo.

Os autores organizaram o conteúdo do artigo em 4 blocos: 1. O incômodo com a categoria raça; 2. A concepção sobre desigualdade; 3. Abordagem das relações raciais na graduação e 4. Relevância das relações raciais para a formação de psicólogos (as). Santos e Schucman acreditam que no âmbito dos cursos de pós-graduação em Psicologia, além dessas experiências pedagógicas também é importante estimular a produção de mais conhecimento sobre: a história do pensamento psicológico brasileiro na compreensão das relações raciais; como se dá a abordagem desse tema nos currículos

de graduação e pós-graduação em Psicologia; e qual tem sido a atuação dos(as) psicólogos(as) no enfrentamento do preconceito e discriminação racial derivados do racismo.

Kuratani e Tavares (2019) ao analisar um total de 31 artigos, apresentaram a experiência de atendimento clínico de duas mulheres autodeclaradas negras, universitárias, através de técnicas da Psicoterapia Analítico Funcional (FAP) e Terapia de Aceitação e Compromisso (TAC). Também buscaram destacar aspectos gerais da condução dos atendimentos que pudessem auxiliar ou suscitar reflexão entre psicólogos de orientações teóricas diversas.

As autoras estruturaram o artigo em 3 temáticas: 1. Acolhimento e estabelecimento de aliança terapêutica; 2. Identificação do racismo como gerador de sofrimento psíquico e 3. Resultados terapêuticos: da heteroagressão para o autocuidado e a autocompaixão. Através deste artigo, Kuratani e Tavares fizeram um convite à revisão das crenças disfuncionais e discriminatórias dos psicólogos clínicos acerca da baixa adesão ou “dificuldades de compreensão” de pessoas pobres/de baixa escolaridade/negras brasileiras aos procedimentos e teorias euro centrados/estadunidenses desenvolvidos historicamente para populações brancas e classe média.

Em um artigo, Smolen e Araújo (2016), ao investigar 36 achados, fizeram uma síntese da literatura sobre raça/cor da pele e transtornos mentais no Brasil. Além disso, tal revisão contribuiu para identificar a tendência na literatura em relação à associação entre raça/cor da pele e transtornos mentais, embora haja importantes dificuldades com relação à comparabilidade dos estudos.

O artigo fora organizado pelas autoras em 7 blocos: 1. Estratégia de busca; 2. Critérios de inclusão e exclusão; 3. Avaliação de qualidade; 4. População em estudo; 5. Transtornos mentais estudados; 6. Prevalência 7. Análises multivariadas. Smolen e Araújo após a investigação dos artigos, consideraram que o estudo contribuiu para identificar a tendência na literatura em relação a associação entre raça/cor da pele e transtornos mentais, mas há importantes dificuldades com relação à comparabilidade dos estudos, principalmente, em função das diferenças em relação aos transtornos mentais estudados, as diferentes formas de categorizar raça/cor da pele das populações estudadas e as diferenças nos instrumentos e ponto de corte utilizados nos estudos

analisados. Também afirmaram que há poucos estudos que tratam sobre esse tema no Brasil, o que, por si só, demanda examinar o pouco que existe para estimular o interesse para a realização de novos estudos (Smolen e Araújo, 2016).

Carvalho, Souza e Macedo (2020) ao fazer análise de 32 artigos, investigaram como os currículos dos cursos de psicologia têm abordado as temáticas de gênero e relações étnico-raciais. Além disso, constataram que a perspectiva interseccional tem tido pouca expressão e está localizada em disciplinas optativas e que ainda há grandes lacunas nos processos formativos no que diz respeito às discussões sobre gênero, particularmente sobre as questões étnico-raciais.

A investigação do conteúdo fora estruturada pelas autoras e autor em cinco blocos: 1. Introdução; 2. Método; 3. Resultados; 4. Discussão e 5. Considerações finais. De modo geral, percebeu-se que ainda há uma marginalização refletida em conteúdos abordados em disciplinas optativas, especialmente no tocante aos estudos étnico-raciais, com pouca expressão nos currículos em geral. Embora abordagens de gênero que ainda reproduzem hierarquias e diferenças individuais pautadas em um modelo biológico venham sendo superadas, elas estão inseridas em disciplinas obrigatórias, enquanto o debate atual das interseccionalidades tem pouca expressão nos currículos, localizado em disciplinas optativas. Além disso, houve maior expressão da área da Psicologia Social, o que nos faz questionar se as demais áreas da Psicologia podem prescindir das análises de gênero e das relações étnico-raciais (Carvalho, Souza e Macedo, 2020).

Pereira *et al* (2021) em um artigo sobre sistema prisional e saúde mental, ao analisar 26 artigos, buscaram entender as histórias de vida de mulheres autodeclaradas negras e pardas e identificaram através das atividades expressivas a relação entre gênero, classe social e etnia e que as práticas de preconceito vivenciadas anteriormente ao aprisionamento e a estadia no sistema prisional causaram impacto na saúde mental das participantes.

A estruturação do conteúdo fora feita pelas/os autoras/es em dois blocos: 1. Histórias de vida de mulheres autodeclaradas negras e pardas e 2. Atuação da terapia ocupacional junto às mulheres privadas de liberdade. A atuação da Terapia Ocupacional junto a mulheres negras e pardas dentro do sistema prisional é extremamente pertinente, pois essas mulheres estão mais suscetíveis ao adoecimento mental, devido às rupturas de papéis e vínculos com os familiares e que os terapeutas ocupacionais são importantes

ao adotarem na sua prática uma postura antirracista e possibilitarem a criação de um espaço de discussão e reflexão desse tema tão emergente na Terapia Ocupacional, que dentro do processo terapêutico, a profissão possibilita resgatar as histórias de vida dessas mulheres estimulando a construção da identidade pessoal e coletiva e o engajamento na realização das ocupações (Pereira *et al*, 2021).

Em um artigo, Silva e Chai (2018), ao averiguar 18 artigos, objetivaram conhecer como práticas discriminatórias tais como o racismo e o sexismo, podem ser influentes na construção de um cenário suscetível à vulnerabilidade do direito à saúde mental das mulheres negras.

As autoras organizaram o conteúdo estudado em 5 blocos: 1. Contexto histórico: uma trajetória de sofrimento e lutas; 2. Racismo e sexismo: a construção de estereótipos sobre a mulher negra; 3. A mulher negra e as características atuais da população negra; 4. Mulher negra em sofrimento mental e o SUS: principais dilemas e 5. Políticas afirmativas de inclusão e garantia da saúde mental da mulher negra. Silva e Chai afirmaram ser necessário, portanto, modificações urgentes quanto ao atendimento do SUS, mas, também, é essencial que mudanças mais amplas ocorram nos mais diversos setores da sociedade: âmbito familiar, profissional e na visão vertical do Estado perante a mulher negra, quebrando, desse modo, as práticas opressoras e as afastando dos ambientes sociais: escola, trabalho e lar. Desse modo, não só o direito à saúde da mulher negra será garantido, mas, também, o compromisso social com os direitos humanos (Silva e Chai, 2018).

Em um trabalho de conclusão de curso, Souza (2018), ao examinar 24 achados, se propôs a entender os efeitos da combinação entre a psiquiatria eugenista no Brasil e o mito da democracia racial, na construção do saber e da prática da psicologia brasileira.

A análise do conteúdo do TCC fora organizada pela autora em 3 blocos: 1. História da psiquiatria eugenista no Brasil; 2. O mito da democracia racial e seus efeitos na subjetividade do negro brasileiro e 3. Psicologia e as relações raciais no Brasil: enfrentamentos necessários. Segundo Souza (2018), é de extrema importância que a psicologia enquanto campo de saber e os psicólogos, enquanto profissionais de saúde, se atentem para essas questões tão delicadas e que permeiam a vivência do negro brasileiro. Os estudos para construir uma psicologia antirracista, ainda são incipientes,

porém cada vez mais se fazem necessários para que se entenda e acolha os sofrimentos dos sujeitos marcados pelo racismo.

Damasceno e Zanello (2018), analisaram 54 artigos e tiveram como objetivo geral desta revisão sistemática foi encontrar na literatura científica brasileira estudos sobre o impacto do racismo na saúde mental de negros no Brasil; o objetivo específico foi verificar a contribuição da Psicologia nesse tópico.

O conteúdo investigado foi estruturado em 5 blocos: 1. Tema A: Impacto do racismo/discriminação (social e institucional) na saúde mental; 2. Tema B: Abordagem histórica: incorporação do racismo em teorias psicológicas/psiquiátricas; 3. Tema C: Percepção de psicólogos da saúde sobre o racismo; 4. Tema D: A Psicologia clínica/psiquiatria nas relações raciais ou nas relações que envolvam alteridade e 5. Tema E: Crítica epistemológica/metodológica à Psicologia. Damasceno e Zanello (2018). As autoras concluíram que a inserção da temática do racismo como estressor responsável por dor, sofrimento e até morte, na agenda da Psicologia deve ser feita não apenas de forma transversal no currículo, mas também como disciplina específica; é necessária no ensino/treinamento, na prática clínica, e na pesquisa psicológica.

## **DISCUSSÃO**

Os achados investigados nesta revisão demonstraram que é necessário aprofundar os estudos durante a formação do profissional de psicologia em conteúdos sobre fatores específicos que são possíveis geradores de sofrimento psíquico, tais como gênero e raça e que a ausência desse conhecimento torna o processo de cuidado em saúde mental ainda mais complicado. Ademais, os estudos demonstraram o quanto as teorias eurocêntricas, frequentemente estudadas na graduação, estão distantes de contemplar as necessidades de uma considerável parcela da população brasileira no que diz respeito à saúde mental.

Este trabalho verificou a percepção de mulheres negras em suas experiências de atendimento psicoterapêutico por profissionais brancos. Ficou evidente que, independentemente da cor do(a) psicoterapeuta, nenhuma das profissionais iniciou o assunto de relações raciais, nem utilizou situações para iniciar o assunto: a abordagem sempre foi feita pela cliente. A continuidade do assunto não foi facilitada, sendo ignorado, minimizado, universalizado, enfim, de alguma forma, descartado, tanto pela

profissional negra quanto pela branca. Instaurou-se, dentro do próprio processo psicoterapêutico, uma ‘parede de vidro’, o obstáculo invisível ao progresso da psicoterapia (Gouveia e Zanello, 2019).

A Psicologia enquanto área de formação de profissionais e pesquisadores pode fortalecer sua compreensão sobre a desigualdade no Brasil se der mais atenção à categoria raça e aos condicionantes e à psicodinâmica das relações raciais no país. Nesse sentido, defendemos que a formação de psicólogos(as) e pesquisadores na área deve incluir a reflexão crítica sobre as relações raciais e sua preparação para o manejo adequado da categoria raça na análise da desigualdade (Santos e Schuman, 2015).

Os currículos de psicologia nas universidades brasileiras são impregnados de colonialismo, e os autores mais estudados são homens-brancos-europeus. Estes autores, que são importantes na história ocidental da psicologia como ciência, e aqui me refiro à psicologia clínica, construíram conceitos para manejar as subjetividades brancas com foco no sofrimento psíquico. A importação e incorporação direta das conceituações psicológicas e psicanalíticas produzidas na Europa desconsideram a singularidade da marca, dos processos de subjetivação não-brancos e impõem uma nosologia à imagem e semelhança da subjetividade do colonizador. Ao limitar-se às conceituações brancas e europeias sobre saúde mental e sofrimento psíquico, a psicologia brasileira deixa de contemplar e tratar adequadamente 54% da população do país, composta por negros e negras. A subjetividade negra é ignorada na grande maioria das graduações em psicologia, e um dos efeitos diretos disso são pacientes negros serem vítimas de racismo pelos profissionais que deveriam acolhê-los e, ao mesmo tempo, sentirem que não estão sendo compreendidos em suas questões e nem escutados como pertencentes a um povo que durante mais de 300 anos foi escravizado e que só há 130 anos foi liberto (Veiga, 2019).

A abordagem das relações raciais no ensino e pesquisa em Psicologia pode beneficiar diversas áreas de atuação dos(as) psicólogos(as). Por exemplo, é uma demanda para os(as) psicólogos(as) clínicos(as) que precisam lidar com sua própria racialidade, na maioria das vezes com a branquitude (identidade racial da pessoa de pele branca), já que ainda temos uma maioria de psicólogos (as) brancos (as). Também é uma demanda para os (as) psicólogos (as) organizacionais, visto que raça tem sido uma característica levada em conta na decisão de contratação de funcionários; e para os(as)



psicólogos(as) que atuam em serviços de saúde, uma vez que existem especificidades em relação aos agravos e formas de adoecimento para os segmentos da população negra, indígena, amarela e branca no Brasil. No caso dos usuários de serviços de saúde, por exemplo, a sensação de que não se é bem recebido e tratado por conta do pertencimento racial pode causar uma reação de não buscar mais o serviço (Santos e Schuman, 2015).

Como psicólogo, me interessa sobremaneira a descolonização do inconsciente. Nosso inconsciente é colonial. O sucesso da colonização se baseia na capacidade não apenas de colonizar territórios geográficos, mas na capacidade também de colonizar territórios existenciais, o inconsciente. O encontro entre profissionais negros para revisar as bibliografias e produzir conhecimento sobre as subjetividades negras, bem como para supervisões clínico-institucionais coletivas é também estratégia de aquilombamento dentro do meio profissional e acadêmico ainda predominantemente branco da psicologia no Brasil (Veiga, 2019).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A forma como o racismo e a saúde mental no Brasil é explorada e pesquisada não é suficientemente adequada às necessidades da população negra. Nossas produções, além de escassas, refletem uma visão mais europeia desses temas, não permitindo que demandas voltadas à realidade brasileira sejam devidamente acolhidas e analisadas, pondo em risco nossa população negra, o que, considerando não apenas sua quantidade representar pouco mais da metade populacional brasileira, mas também suas necessidades, tendo em vista seu histórico desde a colonização do país, levam ao grande problema de desigualdade social vivido pelo Brasil.

Werneck (2016), em suas pesquisas sobre racismo institucional, revelou o quanto essa categoria do racismo pode afetar o indivíduo negro em sua vida profissional e cotidiana, pois acaba banalizando certas ofensas e modos de interagir com ele, o que termina por inferiorizá-lo e reduz a importância da luta por demandas específicas para essa parcela populacional.

Embora uma quantia considerável dos achados utilizados na revisão tenha sido produzida na região nordeste do Brasil onde está a maior população negra fora do continente africano, ficou evidente que os estudiosos negros brasileiros são pouco ou nada explorados durante a graduação de psicologia, considerando a importância dos

seus escritos para o preparo de psicólogas/os frente as demandas da influência do racismo sobre a saúde mental da população negra.

Recomendamos o estudo do artigo A psicologia e o discurso racial sobre o negro: do “objeto da ciência” ao sujeito político de autoria de Schucman e Martins onde fora exposta relação entre o contexto histórico da psicologia no Brasil e as questões raciais, e como nos últimos anos os estudos na psicologia tem buscado enfatizar a necessidade de compreender como o racismo contribui para as desigualdades sociais e como este afeta a saúde mental da população negra. Além de citar importantes nomes de pessoas negras brasileiras do campo da psicologia que tiveram grande contribuição para a construção de uma ciência não conivente com o racismo.

#### **AGRADECIMENTOS:**

Agradecemos ao professor e orientador Ramiro Coni por nos nortear com paciência na produção desta revisão de literatura e por nos incentivar durante o processo de construção da mesma.

#### **REFERÊNCIAS**

- Azevedo, L. R., Clemente, F. S., & Clemente, M. S, (2020). Gênero e Saúde Mental: um olhar sobre as mulheres negras professoras universitárias. *Revista Feminismos*, 8(1),138-150. Recuperado de <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42425>
- Barbosa, V., Rabelo, D., & Fernandes-Eloi, J. (2020). Indicadores de Saúde Mental e do Clima Familiar de Idosas Negras Matriarcas. *Revista de Psicologia da IMED*, 12(2), 94-107. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2020.v12i2.3599>
- Carvalho, A., Souza, C., & Macedo, J. P. (2020). Relações de Gênero e Étnico-Raciais nos Currículos de Psicologia: Aproximações e Desafios. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, e201972. Epub November 25, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003201972>
- Creswell, J. (2007). **Projeto de pesquisa**. (3 ed.). Porto Alegre: Penso.
- Damasceno, M. G, & Zanello, V. M. L. (2018). Saúde Mental e Racismo Contra Negros: Produção Bibliográfica Brasileira dos Últimos Quinze Anos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(3), 450-464. <https://doi.org/10.1590/1982-37030003262017>

Gouveia, M. & Zanello, V. (2019). Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras. *Psicologia em Estudo*, 24, e42738. Epub December 20, 2019. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v24i0.42738>

Hernandes, R. S., Lacerda, R. S., Lima, M. A. C., Machado, L. T., Oliveira, H. F., & Pereira, A. S. (2021). Sistema prisional e saúde mental: atuação da terapia ocupacional com mulheres autodeclaradas negras e pardas vítimas do racismo. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 13(3), 1-8. <https://doi.org/10.25248/reas.e6440.2021>

Martins, T. V. Lima T. J. S., & Santos, W. S. (2020). O efeito das micro agressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(7), 2793-2802. Epub July 08, 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020257.29182018>

Ministério do Desenvolvimento Social (2018). Promoção da igualdade racial no Sistema Único de Assistência Social. Brasília – DF. 8-9. <http://mds.gov.br/Plone/central-de-conteudo/publicacoes>

Prestes, C. R. S., Paiva V, S. F (2016). Abordagem psicossocial e saúde de mulheres negras: vulnerabilidades, direitos e resiliência. *Saúde e Sociedade*, 25(3), 673-688. <https://doi.org/10.1590/s0104129020162901>

Ribeiro, E. O. (2017). Psicologia, racismo e saúde mental: formas de intervenção no trabalho do psicólogo. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB*, 2(4), 167-178. <https://doi.org/10.22481/odeere.v0i4.2361>

Santos, A. O., & Schucman, L. V. (2015). Desigualdade, relações raciais e a formação de psicólogo(as). *Revista EPOS*, 6(2), 117-140. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2178-700X2015000200007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2015000200007&lng=pt&tlng=pt).

Santos, V. S. (2020). As expressões das desigualdades de gênero, raça e classe sobre a saúde mental de estudantes negras do curso de serviço social da UFBA. *Revista Feminismos*, 8(1), 151-159. Recuperado de <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42611/23648>

Smolen, J. R., e Araújo, E. M. de. (2016). Raça/cor da pele e transtornos mentais no Brasil: uma revisão sistemática. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. v. 22, n. 12 [Acessado 24 Maio 2021], pp. 4021-4030. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320172212.19782016>>.

Silva, A. C. B. (2020). Roda Terapêutica das Pretas: Uma proposta de escuta clínico-ético-política para mulheres negras periféricas. *Revista Desenvolvimento Social*, 26(2), 70-80. <https://doi.org/10.46551/issn2179-6807v26n2p70-80>

Silva, I. P. A. & Chai, C. G. (2018). As relações entre racismo e sexismo e o direito à saúde mental da mulher negra brasileira. *Revista de Políticas Públicas*, 22, 987-1006. Recuperado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321158844050>

Tavares, J. S. C., & Kuratani, S. M. A. (2019). Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “Tornaram Negras”. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, e184764. Epub June 27, 2019. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003184764>

Trindade, J. S. (2018). Do mito da democracia racial à crítica do racismo nas práticas psicológicas: a importância de uma psicologia antirracista. (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal Fluminense. Volta Redonda, RJ, Brasil.

Veiga, L. M. (2019). Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal: Revista de Psicologia*, 31(spe), 244-248. Epub December 20, 2019. [https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i\\_esp/29000](https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000)

Werneck, J. (2016). Racismo institucional e saúde da população negra. *Saúde e Sociedade*, 25(3), 535-549. <https://doi.org/10.1590/s0104-129020162610>